

DA INVISIBILIDADE DA CRIANÇA À LITERATURA INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Melissa Probst¹

Geórgia Dutra Guazelli²

Luiz Antônio de Oliveira³

RESUMO: O presente texto está ancorado em três eixos: conceito de infância, literatura infantil e contação de história. O estudo, de cunho bibliográfico, foi impulsionado por questões que envolvem a prática educativa na educação infantil: o que é a infância, quais meandros possibilitaram a criação de uma literatura voltada à criança, como e porque contar histórias na Educação Infantil, entre outras. Ariès (1981), Coelho (2010), Soares (2008) entre outros contribuíram para as reflexões propostas. Conclui-se que a ação educativa deveria ser pensada numa perspectiva crítica, e que ao longo do tempo os conceitos de infância e literatura infantil foram naturalizados. Numa perspectiva de generalização (da infância e da literatura), desconsideraram-se as singularidades do devir criança e da literatura como experimentação. A contação de histórias como experimentação estética pode ser, entre outras, uma possibilidade de extrapolar tais noções, visto que a literatura infantil é gênero textual de expressão de linguagem, que abarca a diferença das personagens, tempos históricos, dimensões culturais e estéticas.

Palavras-chave: Contação de histórias; educação da infância; literatura infantil.

ABSTRACT: The present text is anchored in three axes: concept of childhood, children's literature and storytelling. The bibliographical research is based on questions that involve the educational practice in early childhood education: what is childhood, what meanderings have made possible the creation of a literature directed to the child, how and why to tell stories in Child Education, among others. Ariès (1981), Coelho (2010), Soares (2008) and others contributed to the proposed reflections. It is concluded that educational action should be thought of in a critical perspective, and that over time

¹ Doutora em Educação. Instituto Federal Catarinense (IFC) e Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: mel.probst@gmail.com

² Especialista em Transtornos Globais do Desenvolvimento. Graduada em História. Acadêmica do curso de Pedagogia na UNINTER. Professora da rede pública de ensino de Avaré (SP). E-mail: georgia.dutra@bol.com.br

³ Graduado em História pelo Centro Universitário Internacional UNINTER. Acadêmico do curso de Pedagogia Centro Universitário Internacional UNINTER. E-mail: luizagaiooliveira@outlook.com

the concepts of childhood and children's literature were naturalized. From a perspective of generalization (from childhood and from literature), the singularities of child becoming and literature as experimentation are disregarded. Storytelling as aesthetic experimentation may be, among others, a possibility of extrapolating such notions, since children's literature is a textual genre of language expression, which encompasses the difference of characters, historical times, cultural and aesthetic dimensions.

Keywords: Storytelling; childhood education; children's literature.

REFLEXÕES INICIAIS

Como saber o que é de fato a infância? Existe possibilidade defini-la sem se fixar em conceitos cristalizados, preestabelecidos? Qual a possibilidade de se pensar uma infância para além dos estereótipos naturalizados nas instituições educativas? Quais meandros possibilitaram a criação de uma literatura voltada ao público infantil? Essa literatura é produzida por quem, para qual faixa etária e com qual objetivo? Qual a importância da literatura infantil nos espaços educativos da pequena infância? Quais histórias deveriam ser contadas nesses espaços? Como contar histórias? E porque o docente da Educação Infantil deveria se indagar sobre todas essas questões?

Estas, entre muitas outras, foram estas questões que motivaram o presente estudo, que se desenvolveu no contexto da formação docente, e, impulsionados por questões que envolvem a prática educativa no contexto da educação infantil, buscou-se realizar, inicialmente, um estudo de cunho bibliográfico. Entre outros autores, foram os escritos de Ariès (1981), Gélis (2009), Coelho (2010), Boto (2002), Soares (2008) que contribuíram sobremaneira para as reflexões aqui propostas. Além destes, outros, que nos foram recém apresentados, nos instigam a dar continuidade às discussões iniciadas.

Partindo do pressuposto de que a literatura infantil encanta e seduz a criança, objetivou-se primeiramente refletir como o conceito de infância, ou seja, que criança é a destinatária da prática docente, bem como destinatária de uma literatura que foi criada para ela, a partir do próprio conceito de infância. Temos, portanto, três eixos sobre os quais os estudos estiveram apoiados: o conceito de infância, a literatura infantil e a contação de história como ação docente.

DO CONCEITO DE INFÂNCIA

A possibilidade de refletir sobre a importância da literatura infantil no desenvolvimento da criança e das suas possibilidades como recurso pedagógico existe, na atualidade, porque temos no século XVII o surgimento do sentimento da própria "infância, conforme Ariès (1981). Isso, entretanto, não significa que as crianças eram negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. Ao contrário, Gélis (2009) aponta para o cuidado com os pequenos, com a saúde e cura, com o aleitamento e com o amor pelos filhos. Em contrapartida, não se pode deixar de considerar que ao longo da idade

média, muitos pequeninos faleciam ainda bebês, e, segundo Ariès (1981) isso explicaria o pouco apego da sociedade por eles.

Outro aspecto que denota a não consideração pelas especificidades da infância estariam nos trajes utilizados: as crianças eram vestidas como adultos, assim que deixavam as fraldas, aponta Ariès (1981). Desse modo, foi a constituição do 'sentimento de infância', na passagem da Idade Média para a modernidade, que permitiu que a criança passasse a ser vista não mais como um 'pequeno', mas sim como 'criança, ou seja, um ser com características específicas, que o diferenciavam do adulto. Assim, a infância passou a ter um estatuto próprio, específico dessa 'etapa' da vida.

Compreende-se assim que a infância é uma invenção/criação social sujeita às transformações ocorridas e anseios gerados pela própria sociedade, e, por isso, dinâmica. Ao longo da história, conforme destaca Gélis (2009, p. 311), "a evolução do sentimento de infância não se manifesta de maneira linear", ou seja, moveu-se, por linhas sinuosas. E embora possamos contar com os estudos que nos permitem dimensionar que foi ainda na Idade Média que surgem as primeiras noções de infância, é somente na modernidade que essa infância é tomada como 'objeto de estudo'.

Nesse contexto, o da necessidade de conhecer mais sobre a infância como etapa específica da vida humana, a criança foi analisada, estudada a partir de diferentes perspectivas e campos do conhecimento: medicina, psicologia, sociologia, pedagogia, entre outros, pois a modernidade precisava de referenciais, da formulação de um discurso que explique o 'ser criança', conforme Pereira e Souza (1998). Tais referenciais permitem certa apropriação da criança por parte da sociedade em geral, que, dotada de conhecimentos sobre suas especificidades, intervém diretamente sobre seus tempos, vestes, brinquedos e brincadeiras, alimentação, aprendizagens.

Essa mudança a respeito do conhecimento sobre a infância acompanhou uma série de disposições que respondiam aos anseios da época. E assim, na modernidade, a criança torna-se ao mesmo tempo 'pública' e 'privada', uma criança que é da família ao mesmo tempo em que é um ser que faz parte do contexto social, dando base também para a implantação de políticas de proteção à infância, ou seja, de uma intervenção do Estado sobre a infância (GÉLIS, 2009).

Reafirmando, o conceito de criança não é dado de modo natural, mas socialmente elaborado. Ocorreram mudanças ao longo do tempo nos discursos sobre a infância que foram revelando os ideais e expectativas em relação às crianças, do mesmo modo que foram transformados os conhecimentos sobre o 'ser criança'. Conforme destacam Pereira e Souza (1998, p. 28), "[...] a produção e o consumo de conceitos sobre a infância pelo conjunto da sociedade interferem diretamente no comportamento das crianças, adolescentes e adultos e modelam formas de ser e agir de acordo com as expectativas criadas nos discursos [...]".

Esses discursos e apropriações do 'ser criança' pelos mais diversos vastos campos do conhecimento permitiram o surgimento de teorias sobre o desenvolvimento infantil e o fortalecimento de instituições específicas para a formação das novas gerações. Além disso, a modernização da tipografia, na passagem da Idade Média para a modernidade teve consequências no processo de educação das novas gerações. Conforme ressalta Boto (2002, p. 13), "A tipografia [...] também

favorece o desenvolvimento dos colégios. Era necessário não apenas ensinar a ler; mas, sobretudo, dirigir a leitura para conhecimentos recomendáveis”. Destaca-se, entretanto, que nesse contexto, são os adultos, ‘especializados no atendimento à infância’, que “[...] definem e procuram impor regras de convivência, de organização, objetivos, estratégias e modos de atuar. E estes quase nunca coincidem com interesses não-pragmáticos que a infância possa revelar” (PERROTTI, 1990, p. 96).

ALINHAVOS: LITERATURA INFANTIL E EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA

Sendo relativamente ‘recente’ a concepção moderna de infância, compreende-se a existência de adaptações, para um público infantil, de obras que a princípio não foram escritas para crianças. Dado o fato de que nem todos os assuntos eram recomendáveis ao novo público, dever-se-ia pensar algo específico para a infância. Não desconsiderando a época e o contexto, Boto (2002) lembra que, em prol da ‘civilização’ da infância, era necessário ensinar a obediência, regras, normas, virtudes, temperança e justiça, entre outros aspectos para que pudessem ser úteis na formação daqueles que futuramente seriam inseridos na sociedade dos adultos. A literatura poderia ser um instrumento para tanto.

Conforme ressalta Coelho (2010), os primeiros contos ocidentais, que posteriormente foram adaptados para o público infantil, foram elaborados ainda na Idade Média, refletindo, na narrativa, muitos dos elementos que fazem parte do seu longo e complexo processo histórico e cultural. Em sendo assim, a violência, por exemplo, é uma das marcas bastante presente nas chamadas ‘narrativas fantásticas’. Essas narrativas, transmitidas oralmente ou levadas na forma de manuscritos, atravessaram distâncias (a pé, em embarcações ou montarias) e aos poucos foram sendo divulgadas e apropriadas em diferentes lugares, por diferentes povos, gerando alterações, transformações, adaptações. Coelho (2010, p. 28) afirma ainda que esse período conta ainda “com a força da religião, como instrumento civilizador, é de se compreender o caráter moralizante, didático, sentencioso que marca a maior parte da literatura que nasce [...]”.

Percebe-se, portanto, que na medida em que a própria sociedade vai passando por transformações, principalmente em relação ao refinamento dos seus hábitos e costumes, alterações vão sendo realizadas também na literatura. Essa alteração é bem visível, segundo Coelho (2010), principalmente no que concerne à violência, como, por exemplo, na passagem dos contos de Perrault para os contos de Grimm e assim sucessivamente, até os contos atuais. Sobre tais contos, Freiburger (2010, p. 13), afirma que este “não se destinava à leitura da corte, mas tinham como objetivo preservar um patrimônio literário tradicional do povo alemão e estar ao alcance de todo mundo.” Os Contos dos Irmãos Grimm não apenas se tornaram populares, mas alcançaram longas distâncias se eternizaram, sendo até a atualidade referência na área da Literatura Infantil com as tantas traduções e adaptações de histórias como Branca de Neve, João e Maria, os músicos de Brehmen, entre outros.

Além dos contos, também a fábulas se originaram na idade média. Coelho (2010) lembra que esse gênero se tornou bastante popular, e, com a utilização de animais como personagens relativamente ‘humanizados’, tinham maior objetivo de

diversão do que de moralizar. Para além dos Contos e Fábulas, ao longo do tempo a literatura infantil se manifestou por diferentes perspectivas, no entrecruzamento de várias linguagens e gêneros textuais, alcançando diferentes esferas do cotidiano. O livro impresso (possível no ocidente somente a partir da evolução da imprensa, na passagem do medievo para a modernidade) tornou-se elemento significativo no processo cultural iniciado no período histórico do Renascimento, e prossegue significativo até a atualidade, a exemplo dos contos de Grimm / Perrault (etc.) e das Fábulas (Esopo, La Fontaine, etc.), que atualmente convivem com as tendências contemporâneas da literatura destinada ao público infantil.

Coelho (2010) ressalta que príncipes e princesas, cavaleiros, bruxas, sapos, dragões, ogros, fantasmas, maldições e profecias, ou seja, uma legião de personagens se mesclaram a partir do século XVII, dando forma ao que hoje conhecemos como 'literatura infantil' (os contos de fadas foram a primeira literatura considerada adequada para as crianças, e ainda hoje a literatura infantil é marcada pelo caráter 'maravilhoso'). Essa literatura valoriza a imaginação e a fantasia, sem, no entanto, estar dissociada dos sistemas de educação existentes em cada período da história.

O ato de contar histórias está relacionado aos processos sociais e culturais desde os tempos mais remotos, mesmo antes de se pensar na possibilidade de existência uma literatura específica para etapa da vida. Desde a pré-história, entre a utilização da linguagem oral e de imagens (pinturas rupestres) as pessoas contam histórias. Essa ação foi significativa para que a humanidade pudesse expressar suas experiências cotidianas, e passar conhecimentos de uma geração para outra. Atualmente compreende-se que o livro/a literatura é um produto social que possibilita adquirir conhecimentos e construir subjetividades, não deixando de ser uma atividade comunicativa, pela qual são passadas às gerações futuras os costumes, tradições e valores da sociedade.

Foram as transformações ocorridas nas condições materiais da existência humana que produziram os diferentes modos de ser, pensar e agir na sociedade, e que possibilitaram a apropriação do 'ser criança' como objeto de estudo (anteriormente já mencionado). Isso nos permite saber que as aprendizagens são decorrentes de um processo histórico, social e cultural, e não decorrentes de modo espontâneo, fruto do desenvolvimento biológico tão somente. A partir de tais estudos, observações e registros no sentido de compreender o que é a infância, engendraram-se a escolarização e as práticas educativas, que, como criações sociais, tornam-se também objetos de estudo. Daí resultam, entre outras, teorias de aprendizagem, metodologias de ensino, métodos e técnicas educacionais, que se fundamentam na Psicologia, Sociologia, Filosofia, História, entre outras áreas do conhecimento, dando os contornos para o campo da Pedagogia e direcionando as políticas públicas educacionais, de formação de professores, de atendimento à infância.

ERA UMA VEZ... REFLEXÕES SOBRE A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nos cabe, como educadores, pensar sobre os conceitos de infância e literatura, mas também sobre as concepções de prática educativa, bem como das possibilidades

da contação de histórias na/como ação docente. Assim sendo, algumas perguntas podem ser feitas, entanto, não nos interessam respostas imediatas ou objetivas, mas sim, indagações no sentido de debruçar-se sobre a (própria) ação docente: como são as feitas as escolhas dos livros que adentram os espaços da educação infantil?; quem escolhe esses livros (professores, gestão, coordenação, pais...)?; quais os critérios utilizados na escolha dos livros?.

Soares (2008) assevera que, no caso da literatura infantil, embora seja a 'criança' o público alvo das histórias, esta não chega até seus destinatários sem que antes passem pelos mediadores, sejam estes membros da família ou representantes da instituição escolar/educativa. No caso da instituição, os gestores, educadores ou bibliotecários (quando não propostos pelas compras governamentais) definem quais os livros chegarão ao público infantil, além de exercer controle sobre esse acesso. São os docentes, na maioria das vezes que decidem os modos e os tempos de acesso da criança à literatura.

Conforme destacam Mateus et al (2013, p. 57), "O ato de contar histórias é próprio do ser humano, e o professor pode apropriar-se dessa característica e transformar a contação em um importantíssimo recurso [...]". Isso nos remete à necessidade de pensar não apenas em 'quais livros' levamos à Educação Infantil, mas também sobre os processos de mediação entre o adulto e os livros/crianças: quais as suas concepções de infância/criança?; qual importância dada à literatura no seu próprio cotidiano?; qual o espaço dado às diferentes linguagens utilizadas?; há espaço para a escuta e para a participação infantil no processo de experimentação da literatura?. Então menos importante: qual a opção/posicionamento metodológico na utilização da literatura/contação de histórias na Educação infantil?

Soares (2008) ainda chama a atenção para as demandas do 'mercado editorial', que não estão descoladas das políticas públicas de incentivo à leitura, como por exemplo o Programa Nacional da Biblioteca Escolar (desenvolvido a partir do ano de 1997, pelo Ministério da Educação). Tal programa objetiva promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura, por intermédio da distribuição de livros. Entretanto, foi apenas no ano de 2008 que instituições de Educação Infantil foram contempladas com a distribuição de livros pelo Programa, fato este que denota, conforme Soares (2008, p. 22), "[...] valor simbólico: sinaliza a importância e mesmo a necessidade, nem sempre reconhecidas, da presença do livro e da leitura no processo educativo da criança antes que tenha início a sua alfabetização formal no ensino fundamental".

Ainda evidenciando o mercado editorial e o que este oferece como 'literatura infantil', tem-se, por vezes, uma redução das experiências estéticas que poderiam ser evidenciadas pelas crianças. Paiva (2008) ressalta que existem excelentes títulos que fazem parte do rol da literatura destinada ao público infantil, e, muito embora os profissionais da educação primem pela escola dos melhores livros/histórias, encontram-se, no mercado literário, uma "avalanche de títulos de baixa qualidade textual, gramática e gráfica" (PAIVA, 2008, p. 42). No que tange ao conteúdo, tem-se também a apresentação de temas repetitivos e conservadores, que reduzem as possibilidades da literatura aos valores que desejam passar.

Paiva (2008) afirma ainda que a produção literária para o público infantil deveria expandir-se, abordando novas temáticas, preferencialmente temáticas que se afastassem das ‘demandas pedagógicas’ e que pudessem redimensionar os entendimentos sobre o livro infantil, ‘inserindo-lo em outra perspectiva, no contexto maior da literatura em geral’ (PAIVA, 2008, p. 49), evidenciando assim a existência de certa tensão entre a pedagogia e a literatura como ‘arte’. Isso porque, ao longo da história é possível perceber a tendência (autoral, editorial, familiar e escolar) que valoriza o viés pedagógico da literatura infantil, ou seja, a possibilidade de tomar os textos literários como aliados importantes no processo de educação/subjetivação das crianças, em detrimento do seu caráter lúdico ou estético.

Nesse sentido, muitas das ações desenvolvidas pelos docentes, relacionadas à literatura infantil, estão diretamente relacionadas aos modos como eles mesmos entraram em contato com a literatura, os modos como concebem esse material, não desconsiderando seu processo de formação inicial e continuada. Desse modo, a literatura infantil por vezes será utilizada como recurso didático, ou seja, como ferramenta capaz de estimular, nas crianças, suas capacidades cognitivas, biológicas, afetivas e sociais, ou seja, educando a criança de acordo com as prerrogativas vigentes para sua faixa etária. Zilbermann (1998) alerta que os livros de literatura infantil e o trabalho docente que os capturam como ferramenta unicamente ‘pedagógica’ contribui sobremaneira para a multiplicação da norma em vigor. Desse modo, o livro torna-se ferramenta de ‘ensino’, ensino este que está conforme à visão de mundo do adulto, com padrões preestabelecidos pelo adulto e pelos modos como o adulto interpreta as necessidades da infância, como objetivo da natureza formativa da instituição educativa.

Ainda segundo Zilbermann (1998), a literatura infantil pode e deve afastar-se dos objetivos pedagógicos e ser apresentada como arte literária, que não se reduz ao seu conteúdo, tampouco à transposição, reificação do conteúdo. Para romper com essa lógica da escolarização da infância, e da pedagogização da literatura infantil, sugerimos, pautados em com Bujes (2002) lembrar constantemente que a compreensão atual do que é ser criança e da própria infância está relacionada a um conjunto de possibilidades sustentadas discursivamente.

Ou seja, as formas como se representa social e conceitualmente a criança e a infância são influenciadas sobremaneira por discursos institucionalizados, que atuam sobre o modo como as pessoas concebem a si mesmas e aos outros. A instituição de Educação Infantil, da mesma forma, é elaboração social e, portanto, atende aos preceitos de organização política e social, estando a serviço destes. Assim, os modos de compreender e de representar a infância, a literatura infantil e a Educação Infantil são ‘invenções’ sociais e atendem à discursos institucionalizados, naturalizados, que trazem a marca da cultura e do sistema dominante, que imprime característica da sociedade moderna, civilizada, industrializada.

Tais concepções, entretanto, não representam a ‘única verdade’ sobre a criança, sobre os espaços educativos, ou sobre livros. Em sendo assim, é possível romper com tal lógica, permitindo que a literatura infantil chegue até as crianças numa perspectiva de ‘arte literária’, de liberdade, de possibilidade e experimentação estética, de devir, pois, a criança experimenta a vida de um modo único, sendo capaz

de abrir 'entre mundos'. Meireles (1984, p.32) ressalta: "literatura não é como tantos supõem um passatempo. É sim uma nutrição", e por isso mesmo, o trabalho realizado com os livros na instituição de Educação Infantil deveria sempre deixar margem para o mistério, para a intuição, para a fruição.

Nesse sentido, a contação de histórias é a possibilidade para o incentivo à imaginação, para a experimentação do texto no trânsito entre os diferentes mundos, entre o fictício e o real. Segundo Rodrigues (2005), quando o docente prepara uma história para ser contada tem a possibilidade de ampliar a narrativa do autor, de modo que os fatos, as cenas, os contextos, os sentimentos e as emoções possam transcender a ficção para se materializar. Acredita-se que boas histórias sensibilizam pessoas das mais diferentes faixas etárias, ou seja, é uma experiência que agrada não apenas as crianças, mas também adultos. Sugere-se preparar o espaço, o corpo, a entonação de voz, dar voz/vida para cada personagem, produzindo sussurros, gemidos, onomatopéias ou até mesmo silêncios, chamando as crianças para participar ativamente da história. Há ainda a possibilidade de conhecer assim, a singularidade das 'suas' crianças, conhecer as diferentes infâncias e abrir espaços de diálogo, no qual as crianças tenham voz e que suas vozes sejam ouvidas.

Segundo Vasconcelos (2018), quem conta a história é um intermediário de sonhos, que, na narrativa envolve o espectador e vai alimentando sua imaginação, anseios, desejos. A contação de histórias aproxima crianças e adultos e promove o contato com diversas manifestações artísticas e culturais. Essa aproximação entre o livro e a realidade se traduz na intensidade das interações entre o contador, os ouvintes e as personagens, aproximando o mundo real do mundo da imaginação e propiciando a experimentação de diferentes sensações e conceitos. "[...] o contador pulsa, e a plateia o acompanha, envolvendo-se com a história que, ao mesmo tempo, passa a ser sua" (VASCONCELOS, 2018, s/p), e assim, corpo, texto e voz propiciam experiências coletivas,

Nos momentos de contação de histórias a percepção de todos os envolvidos tende a se ampliar, porque o contador de histórias conta com o corpo inteiro e, da mesma forma, as crianças sentem a história com o corpo inteiro, uma vez que são utilizados elementos verbais e não verbais, se o professor conseguir utilizar o seu corpo na expressão das sensações e emoção da história, numa possibilidade de 'devir-criança', 'devir-história'. Isso porque "devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo [...]" (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 3), pois o devir não se fixa em categorias predefinidas e é desafiador no sentido de propor novos caminhos, sem impor soluções, nem se fixar às falsas pretensões.

Conforme destaca Vasconcelos (2018), ao intermediar um texto, contanto uma história, é importante dar vida aos personagens, nos permitir sair do espaço comum, mergulhar no universo literário que é proposto pela história que será narrada. A literatura, assim, não se atrela à obrigação 'de ler' ou 'de ouvir a história', mas ao prazer, à fruição.

Assim, numa perspectiva de devir-arte, a contação de histórias pode acabar por influenciar o desenvolvimento da imaginação, criatividade, afetividade, da concentração, se materializando num universo de linguagens, cores, formas, sons e

movimentos; é magia, ausência de fixidez, fluidez das emoções, possibilidade de construção de saberes, experimentações e constituição de singularidades.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de uma possível conclusão, podemos afirmar que a educação é tida como possibilidade de formação humana, e por isso acredita-se que esta deveria ser pensada numa perspectiva crítica, e não como simples reprodução de conteúdos. Entretanto, como educadores, nem sempre somos instigados a pensar criticamente sobre a nossa própria ação docente, e nem sempre nos dispomos a repensar nossos conceitos sobre o mundo que nos cerca, ampliando conhecimentos teóricos, pedagógicos, filosóficos, sociológicos ou antropológicos sobre a infância, a literatura, a escolarização, a arte, as metodologias de ensino... Entre outros aspectos é a pesquisa que, ao longo dos cursos de graduação, especialização e formação continuada, permite aos professores em formação pensar a realidade educacional e o seu próprio papel como ator dessa realidade.

O estudo nos permitiu regressar no tempo para compreender o conceito de infância e os meandros que permitiram que esse conceito fosse forjado, para que então reconhecer os modos pelos quais se começou a pensar numa literatura que tinha a criança como destinatária, possibilitando assim revisar nossas próprias concepções e a partir delas, pensar e repensar a prática. Foi possível perceber que no forjar desses conceitos ocorreu uma 'cristalização' das noções, naturalizando esses conceitos numa perspectiva de generalização, desconsiderando-se as singularidades e as possibilidades de um devir-criança que extrapola tais noções.

A literatura infantil é um gênero textual de expressão de linguagem, por intermédio dela a criança pode acesso a um mundo no qual são mesclados diferentes personagens, diferentes tempos históricos, bem como diferentes dimensões culturais e estéticas. Desse modo, a literatura infantil não deve ser utilizada apenas como recurso pedagógico, ou seja, como suporte lúdico para os conteúdos curriculares. Mais do que isso, a literatura infantil deve ser fruição, arte, experimentação. Literatura para ser ouvida, sentida, imaginada, refletida e extrapolada. Assim sendo, a contação de histórias dentro do espaço educativo não é uma mera coadjuvante, mas uma possibilidade de experimentação de si e do mundo por intermédio do texto literário. Ressalta-se, entretanto, que além da contação de história, em momentos previamente planejados pelos docentes, considera-se importante que a criança possa interagir cotidianamente com os livros, seja de modo espontâneo em momentos diversos, bem como de modo previamente planejado pelos docentes.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BOTO, Carlota. O desencantamento da criança: entre a renascença e o século das luzes. In.: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JR, Moysés (orgs.). Os intelectuais na história da infância. São Paulo: Cortez, 2002.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. *Infância e Maquinarias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil*. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

FREIBERGER, Rita de Cássia Castiglia. *A literatura infantil como aliada ao desenvolvimento da pedagogia de projetos interdisciplinares*. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à comissão de graduação do curso de Pedagogia. Faculdade de Educação - Universidade Federal do Rio do Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre.

GÉLIS, Jacques. A individualização da criança. In.: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada: da renascença ao século das luzes*. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MATEUS, Ana do Nascimento Biluca, et al. A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. *Pedagogia em ação*, 2013, vol. 5, n. 1. pp. 54-69.

MEIRELES, Cecilia. *Problemas da Literatura Infantil*, São Paulo: Nova Fronteira, 1984.

PAIVA, Aparecida. A produção literária para crianças: onipresença e ausência das temáticas. In.: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (orgs.). *Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PEREIRA, Rita Marisa Riber; SOUZA, Solange Jobim e. Infância, conhecimento e contemporaneidade. In.: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (orgs.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papyrus, 1998.

PERROTTI, Edmir. *Confinamento cultural, infância e leitura*. São Paulo: Summus, 1990.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. *Cultura, arte e contação de histórias*. Goiânia, 2005.

SOARES, Magda. Livros para a educação infantil: a perspectiva editorial. pp. 21-34. In.: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (orgs.). *Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VASCONCELOS, Roger Andrei de Castro. A contação de histórias no espaço escolar: a arte da performance. 2018. Disponível em:

http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/2/2201-TEXT0_PROPOSTA_COMPLETO.pdf. Acesso em 28 nov. 2018.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na escola*. 10 ed. São Paulo: Global, 1998.

